

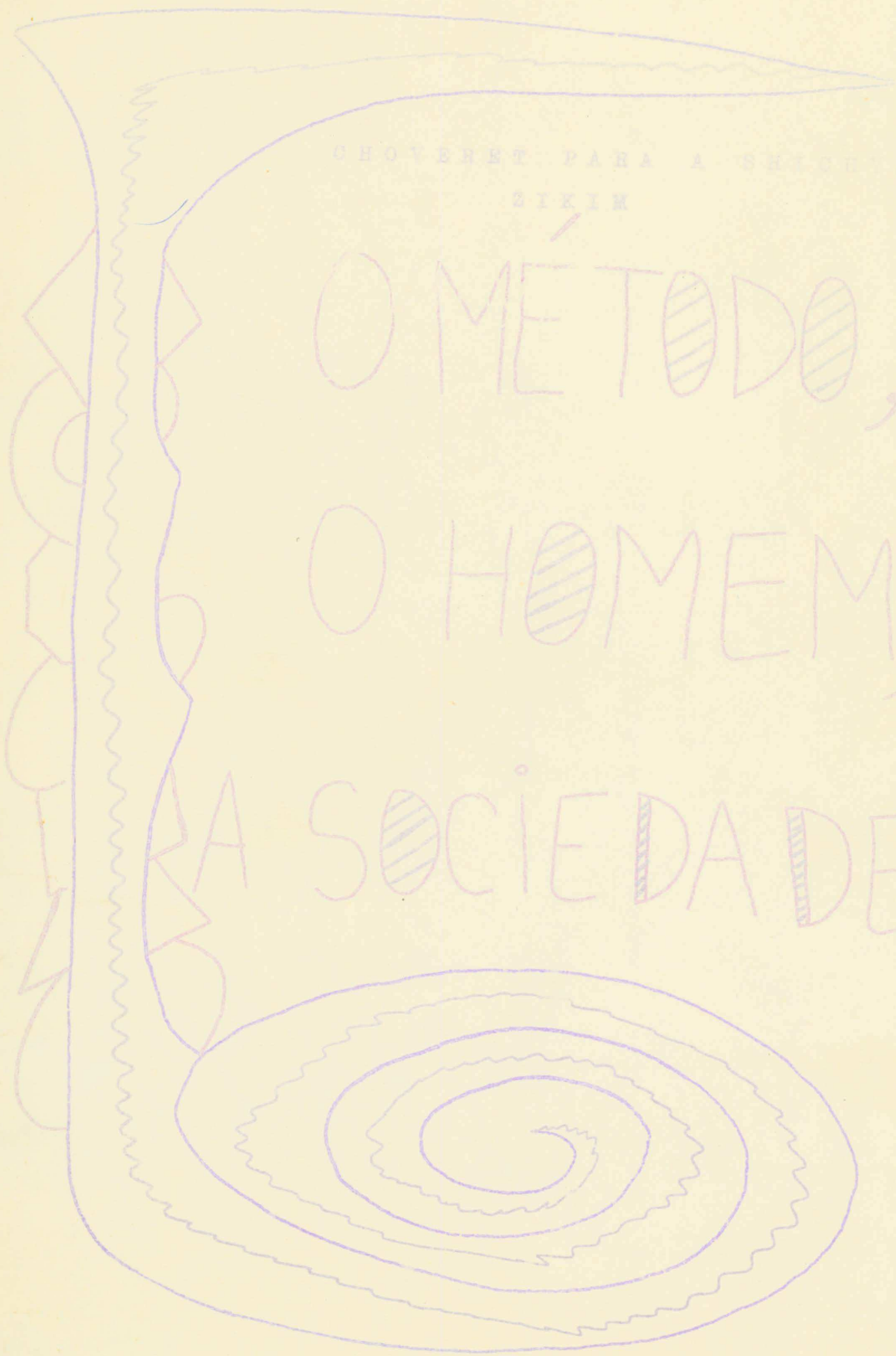
32

CHOVERET PARA A SHERMAN  
SIXIN

O METODO,

O HOMEM,

RA SOCIEDADE



## TOCHNIT DE MARXISMO

Porque dedicamos um pouco de nosso tempo ao estudo do Marxismo ?

Esta é uma pergunta frequente, cabe a nós encontrarmos uma resposta satisfatória. O marxismo é a filosofia mais viva do nosso século. Ela representa a arma mais importante para compreensão do desenvolvimento histórico até os nossos dias.

Muito comum é, encontrarmos a palavra marxismo ligada a um regime político, seja Socialismo ou ainda Comunismo. É um dos erros mais frequentes que comete uma pessoa não entendida no assunto. Marx foi antes de mais nada um filósofo que escolheu como tubo de ensaio de suas análises a sociedade.

Conhecer o Marxismo, compreendê-lo é absorver o único e verdadeiro método de interpretação da história. O marxismo é uma filosofia científica, é universal e específica. Trotsky ao falar da interpretação marxista da história dizia: "a prática não perdoa nenhum erro da teoria."

Nossa intenção com o estudo do marxismo é apreendê-lo e posteriormente usá-lo como meio de interpretação. Estamos numa longa caminhada de difícil acesso. O objetivo é o debate livre e franco da nossa meta educativa e ideológica, o kibutz.

Daremos, em nosso estudo presente, largas pinceladas na extensa teoria marxista, abarcando três aspectos dentro do marxismo, em quatro pontos. primeiramente responderemos a pergunta - O que é a Dialética ? - logo após teremos oportunidade de dialogar sobre - a Alienação cultural e social do homem - para isto iremos recorrer a um exemplo literário e logo após estudaremos a alienação dentro da concepção marxista. Finalmente teremos a incumbência de comentar e tratar de responder a pergunta - O que é para Marx a sociedade do futuro ? - desta forma interpereremos nosso estudo da teoria Marxista, mas no futuro teremos mais oportunidades de renovar nosso estudo a este respeito.

Esperamos que todos os chaverim acompanhem esta tochnit e que ela venha a satisfazer suas necessidades.

## D I A L É T I C A

Antes de mais nada é importante salientar que a dialética representa a espinha dorsal da chamada Filosofia Marxista, pois é um método sobre o qual se apoia esta filosofia. Sua importância está no fato de que à partir de seu princípio se inaugura uma visão dinâmica e completa de acontecimentos históricos.

Nascida de Hegel, a filosofia marxista é ao mesmo tempo uma estrita aplicação do método de Hegel e uma reação radical contra o pensamento hegeliano. Filha do mestre, trata-se de uma filha revoltada à maneira destas crianças, de que fala La Bruyère, "que batem na ama"... Dá-se a mesma coisa, nós o veremos, com a Economia marxista: nutrida nos clássicos do Liberalismo, voltará contra eles as suas próprias teorias. Assim o exigia, além de tudo, o andamento íntimo do pensamento marxista: a dialética.

Resumindo-se por alto a longa peregrinação do pensamento humano, pode-se dizer que sempre existiram não mais de que duas filosofias, duas maneiras de representar o mundo: a filosofia do ser e a do vir a ser; a da idéia e a da vida.

A primeira que nos vem do Aristotelismo, do Direito romano e da teologia cristã (pelo menos a teologia latina), devia ser durante séculos a filosofia clássica do Ocidente, a dos escolásticos como a de Descartes. Ela crê na eternidade imutável do espírito, da verdade e da ética: o que foi verdade outrora, ainda hoje o é, e sempre o será. O Verdadeiro, o Belo, o Justo não são, com efeito, mais de que os reflexos do ser por excelência, Deus, que é eterno isto é, fora do tempo (porque o tempo é a mudança; ora Deus tendo atingido a perfeição, não pode mudar).

A segunda filosofia, a do vir a ser, apresentada pelos primeiros filósofos gregos dois séculos antes de Aristóteles, banha-se, pelo contrário no tempo. "Tudo fui, dizia Heráclito; não nos banhámos <sup>nunca</sup> duas vezes no mesmo rio". Filosofia dinâmica, não mais estática. "O vir a ser, proclama Hegel, é o primeiro pensamento concreto, e portanto a primeira noção, enquanto o ser e o nada são abstrações vazias".

A essas mentalidades, tão profundamente diversas, correspondem duas modalidades de raciocínio, não apenas diferentes, mas opostas.

Para a filosofia do ser, essa modalidade de raciocínio é, repitamos, a lógica, a própria lei do discurso, do pensamento, do logos. Sua mais simples expressão é o princípio de identidade: A é A não é não-A, com os silogismos que daí decorrem.

A filosofia do vir a ser obedece a lei da vida, e qual é então esta lei? Apenas, muito simplesmente, a do nascimento, do desenvolvimento e da morte. Toda realidade viva, quer se trate de dos corpos, quer se trate de dos espíritos, em uma palavra, todo o ser, todo pensamento, toda instituição evolui segundo o mesmo processo de eclosão, de maturidade e de morte. Quer dizer que todo ser, todo pensamento, toda instituição, etc... contem em si o germe da morte, um germe de contradição interna (dialética íntima) que acarreta pouco a pouco a sua própria destruição.

Escreveu Hegel: "O ser duma coisa finita é de ter em seu ser interno, como tal, o germe do desaparecimento, a hora de seu nascimento e também a hora de sua morte".

É necessário então desesperar? É necessário deduzir que essa perpétua evolução não é senão o fluir melancólico, a procissão sem esperança dos seres e das coisas? Não! A filosofia hegeliana ultrapassa o antigo pessimismo dum Heráclito numa visão muito mais ampla - que o marxismo ainda alargará - da vida humana.

Hegel escreve: "A essa categoria de mutação prende-se imediatamente um outro aspecto: da morte renasce uma vida nova. Os orientais tiveram essa idéia, talvez a maior de suas idéias, o cimo de sua metafísica".

"...Mas tudo isto não é senão uma imagem oriental que convém mais ao corpo do que ao espírito. O espírito não apenas reaparece rejuvenecido, mas ainda avançado e mais claro".

Para Hegel, com efeito - e mais ainda para Marx - a humanidade sobrepassa o homem: cada instituição, cada período histórico, não é mais do que "uma etapa transitória no desenvolvimento sem fim da sociedade humana, indo do inferior ao superior". Tornada caduca e injustificada, cada instituição etc., deve "ceder lugar a uma etapa superior que entra, por sua vez, no ciclo da decadência e da morte." Assim a teocracia suplantada pela monarquia, e sobrepassada pela democracia. Assim, dirá Marx, a aristocracia suplantada pela burguesia, fadada, por sua vez, a desaparecer diante do proletariado...

Eis então a chave do progresso - e da dialética: a morte é criadora, a mor

te é geradora.

Todo ser contém assim em si mesmo o seu germe de ruína e o seu germe de superação. A contém ao mesmo tempo não-A (sua morte) e A' que o ultrapassa. O velho princípio de identidade é substituído desse modo pela contradição criadora.

Assim se exprimiu o promotor do marxismo chinês, Mao Tsé Tung: "A causa fundamental do desenvolvimento das coisas, não se encontra no exterior, mas, ao contrário, no interior das coisas: encontra-se na natureza contraditória inerente a todas as coisas como a todos os fenômenos... São elas (as contradições) que geram o movimento e o desenvolvimento das coisas... Desse modo, a dialética materialista rejeitou resolutamente a teoria metafísica da causa exterior... No mundo vegetal e animal, o simples crescimento, o desenvolvimento quantitativo são igualmente provocados, em essência, pelas contradições internas. Dá-se exatamente o mesmo para o desenvolvimento da sociedade..."

A dialética será assim o estudo do encadeamento das contradições que engendram a história. Porque a história da humanidade não é outra coisa senão o desenrolar da vida sobre o mais largo plano: como a vida, é ela uma sequência dialógica de forças que se combatem para disso fazer surgir forças maiores. Estudar essa lógica do real em vez de se perder num mundo de abstrações: eis para Hegel a verdadeira filosofia.

Mas, se é verdade a história não é senão a encarnação da razão no real, a lógica das forças implica também o emprego de mecanismos igualmente racionais. Quais são eles? E que socorro levam ao marxismo?

Para responder a isto, basta acasalar os dois temas centrais do pensamento hegeliano: por um lado, as "três idades" da evolução vital (nascimento, desenvolvimento, declínio) e, pelo outro lado, a ascensão da humanidade, fazendo que o túmulo de uma instituição seja o berço de outra maior. Temos desse modo que toda existência, toda idéia, toda instituição segue uma démarche em três etapas, segundo a famosa "triade": tese, antítese, síntese, ou mais precisamente:

- afirmação;
- negação;
- negação da negação.

Toda existência, toda idéia, toda instituição, começa por se afirmar: é o nascimento, é a tese. No momento, porém, de avultar-se, ela se impõe, suscit

ta uma oposição e segrega o seu contrário: é a antítese ( como o adolescente /  
que afirma sua personalidade ao opôr-se a seus pais). Da luta assim provocada  
surge uma idéia ou uma instituição mais elevada que reconcilia os contrários em  
uma síntese mais alta.

Magnífica progressão, venturoso progresso: porque, sem a antítese, a his-  
tória se deteria, como um balancim imóvel: sem revolta, nenhum progresso; e /  
sem Mefistófeles não há Fausto. Mas, sem a síntese, a luta seria perpétua. Ora,  
o grande mérito da síntese é de assumir- aufheben-, de sobrepassar em se conseq-  
uendo o que a tese afirmava e o que a antítese negava (em termos claros: o que  
havia de verdadeiro, Hegel dizia de "real", numa e noutra).

Dêsse modo, vê-se a monarquia ser vencida pela Revolução, que se combina  
com os vestígios de primeira para dar o Império (Napoleão exercera sobre o pen-  
samento de Hegel verdadeiro fascínio). Desta maneira, dirão Marx e Engels, o /  
regime das comunidades primitivas (tese) é vencido ao longo dos séculos pela  
propriedade privada que suscita a luta das classes (antítese); mas dessa última  
surgirá o comunismo, que, conservando o progresso material atingido pelo capi-  
talismo, reunirá a humanidade na sociedade sem classes (e isso será a síntese).

~~XXXXXXXXXX~~ É digno de nota, aliás, que, em sua Memória sobre a proprie-  
dade, de 1840, Proudhon por sua vez tivesse escrito: "Para transformar tudo is-  
so numa fórmula hegeliana, direi: a comunidade, primeiro modo de ser, primeira  
determinação da sociedade, a tese; a propriedade, expressão contraditória da  
comunidade, faz a antítese. Resta saber qual o terceiro termo, a síntese..." A  
obra de Marx e Engels deveria consagrar-se a essa descoberta".

A essa obra, o método hegeliano contribuiu ainda com um outro elemento.

Expressão psicológica do dinamismo alemão, a dialética é muito profunda-  
mente a filosofia do poder. Ela estimula o pensamento, conduz ao ato, porque /  
lhe dá a impressão de tudo demonstrar e de tudo desmontar; ela faz penetrar o  
espírito na engrenagem dos acontecimentos; põe a história, por assim dizer, à  
disposição do homem, uma vez que a considera uma série de forças e contrafor-  
ças que é preciso avivar a fim de apressar-lhe a marcha- "o princípio negativo  
dá à vida seu movimento"

Chegada a êsse ponto, no entanto, essa filosofia do poder conduz direta-  
mente à glorificação da luta. Já o ancestral da dialética, Heráclito, deixara-  
nos o aforisma desencantado que diz "a guerra é a mãe de tudo". Mas era neces-

sério esperar-se a filosofia de Berlin para ver-se dar à epologia da guerra / sua fórmula implacável: "Na paz... os homens csem no marasmo, a esclerose... e a morte si está... Para afirmar sua individualidade, o Estado... deve engendrar um inimigo... Das guerras, os povos saem retemperados... etc. Como admirar se, transposta para o plano social, essa mesma modalidade de pensar haja, em Marx chegado à doutrina, que se examinará mais tarde, de luta de classes e de revolução violenta?

Vejamos: Marx- e quando escrevemos esse nome estemos nos referindo também a Engels- Marx não é somente devedor de Engels quanto a seu método de reflexão; intelectual de ação, deve-lhe ainda o pensamento de seus gestos. Mas, enquanto a dialética conduzia o seu autor a um conservadorismo político, levou o discípulo ao comunismo. Ao povo eleito, encarnado no Estado prussiano, Marx punha como sucessora a classe eleita do proletariado.

"Para Hegel, escreveu Marx, o processo de pensamento, o qual ele chega a transformar sob o nome de idéia num tema autônomo, é o demiurgo (o criador, o procriador) do real... Para mim, pelo contrário, a idéia é apenas o mundo material tranposto para o cérebro humano e traduzido nêle".

Essa virada pelo avesso não se fez dum só golpe. Realizou-se em dois, / tempos. Num primeiro tempo, outro filósofo alemão, hegeliano "de esquerda", Ludwig Feuerbach, desembaraçou a filosofia do mestre de sus fantasmagoria idealista; de panteísta a fez atéia. Num segundo tempo, Marx a fez materialista. Mais precisamente, êle alargou o naturalismo de Feuerbach num materialismo filosófico a princípio e, a seguir, histórico. Já muito se disse: Hegel genuit Feuerbach que genuit Marx.

## A DIALÉTICA HEGELIANA

1) Como, segundo Engels, Hegel conduziu à concepção positiva do mundo.

É com Hegel que termina de modo geral a Filosofia, de um lado porque seu sistema resume de modo grandioso todo desenvolvimento, e de outro, porque ele nos mostra, embora inconscientemente, o caminho que leva à saída deste "labirinto de sistemas", ao verdadeiro conhecimento positivo do mundo.

F. Engels, L. Feuerbach et la fin de la philosophie classique allemande (1888), Ed. Sociales, 1951, p. 20.

2) Como a razão se encarna na história (Hegel).

A única idéia que a filosofia nos dá é a da razão- a idéia de que a razão domina o mundo e que em consequência a História universal também se desenrolou racionalmente... O conhecimento especulativo demonstrou que a Razão (utilizamos essa expressão sem analisar mais detidamente sua ligação com a divindade) é a substância, a força infinita, a matéria infinita de toda a vida natural e espiritual. É a substância, o motivo pelo qual toda a realidade tem seu ser e é sua substância. É a força infinita porque a razão não se limita pelo ideal, pelo dever ser; ela não existe fora do real, sen que se saiba ao certo onde, no cérebro de alguns homens. Ela é o conteúdo infinito- toda essencialidade e verdade- e é sua própria matéria, que transmite à sua atividade de elaboração. Nutre-se de si mesma, é parasita mesma a matéria para a qual opera... faz passar do interior à manifestação não somente o universo material, mas também o universo espiritual. É isso na História. A História é a imagem e o ato da razão.

Hegel, Introduction à la philosophie de l'histoire universelle, Morceaux choisis, N.R.F., 1938, p. 208.

3) A filosofia do vir a ser (Hegel)

a) O vir a ser é o primeiro pensamento concreto, e, portanto, a primeira noção, já que o ser eo nada são abstrações vazias. Quando se fala da noção do ser, quer-se dizer que esta noção consiste no vir a ser, pois, enquanto ser, é o não ser vazio, da mesma forma que o não ser, enquanto não ser, é o vazio. Assim temos no ser o não-ser e no não-ser o ser. Ora, nesse ser que existe em si mesmo não-ser é o vir a ser. Não devemos eliminar a diferença da unidade do vir a ser, pois sem a diferença voltaríamos ao ser abstrato. O vir a ser é a



posição daquilo que é o ser na verdade.

Pétite logique, Zusatz, 88; Morceaux choisis, p. 108.

b) A primeira categoria da História consiste na visão da modificação dos indivíduos, dos povos, dos Estados que existem durante um momento, atraem nossa atenção e depois desaparecem. É a categoria do vir a ser.

La raison dans l'histoire; Morceaux choisis, p. 209.

4) A contradição, "fonte de toda a vida" (Hegel).

Um dos preconceitos fundamentais da lógica antiga e da concepção vulgar / do mundo consiste em crer que a contradição não tem um caráter tão essencial e real como a identidade... (Mas em realidade) a identidade não é senão a determinação daquilo que é simples e imediato, de ser morto, ao passo que a contradição é a fonte de todo movimento, a raiz de toda vida. Não é senão na medida em que uma coisa encerra em si mesma uma contradição que se mostra atuante e viva.

Grande logique, IV, p. 68.

5) A superação pela "assunção" (aufheben) (Hegel).

Aufheben tem na língua alemã dois sentidos. A palavra significa "guardar", "conservar" e ao mesmo tempo "fazer cessar", "por fim a". Assim, o termo Aufheben designa qualquer coisa conservada e ao mesmo tempo qualquer coisa superada, que apenas perdeu sua existência imediata, mas que não foi por isso destruída. As duas definições dadas de Aufheben podem ser etimologicamente apresentadas com duas significações da palavra. É notável que um idioma empregue uma mesma palavra para dois sentidos contrários. O pensamento especulativo regozija-se por encontrar na língua palavras que têm, em si mesmas, um sentido especulativo.

Grande logique, pp110-111; Morceaux choisis, p. 114.

6) A dialética, filosofia de poder e de luta (Hegel).

É a razão pensante que aguça, por assim dizer, a diferença indistinta entre os elementos do real e a simples variedade de sua representação para transformá-los em oposições formais, em contradições. Somente quando estão assim / transformadas em contradição, essas diferenças se vivificam, opondo-se uma às outras, e recebem, pela contradição, o princípio negativo que dá à vida seu movimento.

Hegel, Grande logique, IV, p. 71.

7) A apologia da guerra (Hegel).

Na paz... com o tempo os homens caem no marasmo. Suas particularidades se

9  
tornam cada vez mais fixas e se petrificam... E quando os membros se tornam / esclerosados em si mesmos, a morte chega. A paz eterna é frequentemente recla- / mada como um ideal do qual a humanidade se deve aproximar. Kant propôs para is- / tanto uma aliança dos príncipes... Mas o Estado é o indivíduo, e a individua- / lidade contém essencialmente a negação.

Portanto, mesmo quando certo número de Estados formam uma família, tal um / ão, enquanto individualidade, deve criar uma oposição e engendrar um inimigo. / Das guerras, os povos não só saem reforçados, as nações que estão dividiadas em / si mesmas conquistam pela guerra a tranquilidade interna. É verdade que a guer- / ra traz insegurança às propriedades, mas essa insegurança real não é senão o / movimento necessário...

Philosophie du droit, Supl. 324, Morceaux choisis, pp. 277-278.

### A LUTA DE CLASSES

1) A luta de classes, resumo da história (Marx e Engels).

A história de todas as sociedades passadas é a história da luta de classes. / O homem livre ou escravo, patrício ou plebeu, barão ou servo, numa palavra, o- / pressores e oprimidos, estiveram sempre em luta uns com os outros, sem quar- / tel, por vezes dissimulada, por vezes aberta, e, que terminou sempre por uma / transformação revolucionária da sociedade, ou pela destruição simultânea das / classes em luta.

Mas nossa época, a época da burguesia, tem de peculiar o fato de que sim- / plificou a oposição de classe. Cada vez mais a sociedade se divide em dois / grandes campos inimigos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a bur- / guesia e o proletariado.

K. Marx, F. Engels- Manifesto Comunista.

2) A luta de classes, chave da Economia Política (Marx)

Sendo burguesa a Economia Política, ou seja, vendo na ordem capitalista a / forma absoluta e definitiva da produção social, não poderá ser uma ciência se- / ão com a condição de que a luta de classes permaneça latente.

Vejamos a Inglaterra. O período em que essa luta ainda não eclodiu, é, / também o período clássico da Economia Política. Seu último grande representa- / te, Ricardo, foi o primeiro economista que fez deliberadamente do antagonismo

dos interesses de classe, da oposição entre salário e lucro, lucro e renda, o ponto de partida de suas pesquisas. Esse antagonismo, na verdade inseparável da própria existência das classes de que se compõe a sociedade burguesa, é o / fórmula ingenuamente como lei natural, inatável, da sociedade humana. Era o li / nite que a sociedade burguesa não podia romper. A crítica surgiu-lhe, ainda em vida de Ricardo, na pessoa de Sismondi.

Em 1830 surgiu a crise decisiva.

Na França e na Inglaterra, a burguesia chamou a si o poder político. Des- de então, na teoria como na prática, a luta de classes revestiu-se de formas / cada vez mais acentuadas, cada vez mais ameaçadoras.

K. Marx, O Capital, posfácio à 2ª edição alemã.

### 3) Da luta de classes à sociedade sem classes (Marx).

O que fiz de novo (com relação à luta de classes, já exposta pelos "his- toriadores e economistas burgueses") consiste na seguinte demonstração: 1) a / existência das classes liga-se à certas lutas definidas, históricas, ligadas / também ao desenvolvimento da produção; 2) a luta de classes conduz necessaria- mente à ditadura do proletariado; 3) essa ditadura constitui somente um período de transição para a supressão de todas as classes e para uma sociedade sem clas- ses.

K. Marx, Carta a Weideneyer, 5 de março de 1852 (Morceaux choisis, NRF, pp.198-199).

Não poderia haver dúvida quanto ao resultado dessa luta... Com a burguesia desaparece a propriedade ~~em~~ privada e a vitória da classe operária colocará / fim, para sempre, à luta de classes e de castas.

K. Marx, Schutzzoll und Freihandelsystem, 1847, Nachlass, Mehring, 1902, II, pp. 428-431; Morceaux choisis, NRF, p. 167.

A guerra terminou deixando atrás de si, entre outras coisas, paredes desmoronadas e destruídas. Como muitos outros, libertei-me totalmente. Pela primeira vez após muitos anos, permaneci em marco algum sentia-me oprimido por uma liberdade insuportável. Não sabia o que fazer com ela, apesar de ter dedicado os melhores anos da minha vida por ela. Agora finalmente podia ir aonde quizesse. E não fui. As pessoas convidavam-me às suas amplas residências e aos obscuros sótãos. Não aceitava o convite. Não sei porque eram amáveis comigo. É possível que simplesmente lhe agradava, ou é possível que desejassem suprimir a minha liberdade. Ninguém determinava-me datas. Poderia fazer tudo o que me ocorresse, e talvez por isto, não fazia nada. A excessiva liberdade apagou todos os meus desejos. Sentia-me perdido entre as casas abertas e as pessoas ocupadas. Uma embarcação junto à costa me esperava para partir para terras distantes, mas não aceitei. O inenso dia parecia-me ser o terrível carcere da liberdade. Desgraçadamente, até meu relógio perdi naqueles dias, e via-me obrigado a perguntar aos transeuntes pela hora. Muitos estavam demasiadamente ocupados para responder-me e não poucos careciam de relógio, assim como eu. Comecei a contar os dias aguardando os acasos, e não sei quando as madrugadas. O ócio me devorava.

Finha manhã começava à tarde, e por isto, talvez, o sol não me permitia alentar muitas esperanças. Costumava sair à rua afim de visitar amigos meus ~~meus~~ e indo, as suas casas arrependia-me, colocando em dúvida a importância da visita ou do que haveria de segui-la. Tomava um caminho determinado com a clara convicção de que uma mulher esperava-me numa casa envolt. em sombra, e repentinamente encontrava-se parado numa esquina, totalmente desesperado, enfiado e oprimido por esta liberdade e pelas numerosas possibilidades que se me apresentavam. Assim caía a tarde sem que abrisse um livro ou sem que houvesse tocado ao meu violino. Recusava, na medida do possível, os convites, convencido que algo grande, verdadeiramente grande sucederia algum dia. E, por fim, sentia-me solitário e enfiado de liberdade e até que, depois da noite, estirava-me sobre a minha fria cama, deixando que meus pensamentos vagassem. Assim caía nos braços do sono para emergir d'êle, nas sadias horas da manhã seguinte. E tudo se esvaía de novo: caminhar sem objetivo pelas ruas da cidade, visões e imagens, solidão, e uma sensação de absoluto desarraizamento. Fundia-me cada vez mais no vazio e não sabia como salvar-me.

Queria querer algo, e isto é o pior que pode suceder. Queria que me importassem. Nada na vida me era querido ou odioso. Uma moça que por mim tinha tinha afeto, por um capricho dela.

ou meu, ou comum, abandonou-me um belo dia e foi-se com outro. Nem sequer tive ressentimentos. Se pelo menos pudesse dormir infinitamente. Mas gradualmente, perdi também este último refúgio e do sono e não me restou outra coisa que fazer senão esperar pela manhã e logo a tarde, em círculo interminável, dia após dia.

Até que certo dia, quando já acreditava não me restar outra alternativa além do suicídio, decidi encerrar-me em meu cárcere, como fiz em mais de uma vez no transcurso de minha curta vida. Sabia que o cárcere traria alívio ao meu coração, como já havia sucedido tão seguido. Abri meu armário secreto fechando a chave que continha todas as lembranças de meu coração, tomei a minha chave, e me dirigi ao cárcere.

Esta vez não hesitei nem me detive na esquina da rua. Caminhei sem olhar para os lados sem que o arrependimento não tivesse minha decisão.

O cárcere se encontrava em uma das ruas mais animadas da cidade, e da porta pendia um cartaz que anunciava claramente:

#### CÁRCERE PRIVADO

##### ENTRADA PROIBIDA A ESTRANHOS

O transeuntes não reparavam nisto, uma vez que de muitas portas da cidade pendiam cartazes parecidos. A chave rugeu na fechadura com um som parecido a um ranger de dentes enferrujados, a porta se abriu com o gemido familiar. Penetrei no domínio de meu cárcere. ~~RÁPIDA~~ Cerrei rapidamente a porta através de mim para que não venham meninos curiosos e dei volta à chave, e a joguei pela janela.

Apenas transpus um grau me apoderou de mim uma grande tranquilidade, e meus passos, que até então haviam sido hesitantes, se fizeram firmes e seguros. Reconheci imediatamente meu bom e velho cárcere. Reconheci suas 4 paredes caiadas e frescas, o relógio que funcionava na parede, a mesa, sólida e acolhedora, apesar de estar coberta de pó, as folhas de papel, a pilha de livros, o lápis apontado que me esperava, a janela aberta para arua eo cómodo sofá embaixo dela. Acerquei-me das folhas da janela, acariciei com minhas mãos trêmulas de felicidade as barras de ferro e cantolei uma melodia qualquer. Depois arregacei as mangas como quem se prepara para uma faina muitozã

para e se meteu junto à mesa. Sabia que algo faltava em minha vida; na horá-  
rio. Tuzei um pedaço de papel e comecei a escrever em letras claras e cali-  
gráficas, em linhas retas e paralelas:

HORÁRIO

(data.....)

Despertar	06.00
Asseio	06.00-06.30
Exercícios físicos	06.30-07.00
Limpeza da habitação e arranjos	07.00-07.15
Desjejum	07.15-07.45
Músicas	07.45-08.45
Percorrer a peça	08.45-11.00
Olhar pela janela	11.00-13.00
Almoço	13.00-13.45
Ficar deitado imóvel sobre o sofá	13.45-14.15
Movimentos e ruídos	14.15-14.19
Caretas ante o espelho	14.19-15.15
Estudos	15.15-17.00
Olhar pela janela	17.00-19.00
Escrever cartas a mim mesmo	19.00-20.00
Jantar	20.00-20.30
Ler cartas	20.30-21.00
Pensar sobre o exterior	21.00-21.30
Oração e asseio	21.30-22.30
Recolher	22.30

Coleti o papel sobre a parede e abaixo, sobre o piso, coloquei uma almo-  
fada e acendi ao redor quatro velas de cera. Assim se converteu meu horário  
num culto. Os dias me encheram de segurança. Sabia exatamente o que me falta  
fazer a cada hora. Observei meu horário com maravilhosa pontualidade. Esta-  
va certo de experimentar a sensação de plenitude que embarga o homem ocupado.  
Mas depois da satisfação dos primeiros dias e o absoluto assentamento em meu  
cárcere de olvido, comecei repentinamente a ter saudades do mundo fora das /  
fólicas de minha janela. A princípio tratei de afastar a nostalgia e absorver-  
me no exato cumprimento do horário: levantava-me às 6.00, cuidava do asseio,

14  
lavava o chão, fazia caretas e olhava pela janela, escrevia cartas a mim mesmo, e consumia com apetite 3 refeições, mas gradualmente deixei de interessar-me pelo violino e me absorvi mais e mais nos pensamentos sobre o mundo exterior e em olhar pela janela.

Devo confessar que, com o decorrer do tempo, comecei a atrair a mim mesmo. Enquanto fazia exercícios deitava uma olhadela, apesar de mim, para a janela. Não conseguia concentrar-me na leitura, e minhas cartas converteram-se numa longa descrição das paredes de meu cárcere. É uma vez que queria ser sincero comigo mesmo, não houve outra alternativa senão riscar do horário um dos itens, e empregar este tempo em olhar pela janela, o que gradualmente se converteu no centro de minha existência. Primeiro prolonguei este item por cinco horas, mas tampouco isto me bastou. Cada dia borrava um dia do horário.

Depois de dois meses deixei de comer, deitava tarde e me levantava o quanto mais cedo para olhar pela janela e ver meus pequenos sonhos através das folhas. Perdia forças. Meus olhos incharam de tanto olhar. Outra vez comecei a experimentar uma horrível sensação de solidão e desarraigamento, muito mais intensamente que antes.

No exterior, fora da minha janela, bulia a vida, e eu estava no cárcere, isolado de tudo e rodeado de muralhas, a maior parte das quais havia levantado com minhas próprias mãos. Quando difícil me era reconciliar-me com a verdade: sabia que queria regressar à vida e aos seres humanos. "Se estou condenado a ser eternamente solitário é melhor que seja um dentre muitos do que estar só comigo mesmo. Melhor ter de lutar por minha solidão pelo direito e a possibilidade de estar só." pensava. Queria sair. Juro que o queria, porém a chave estava fora-fora do alcance de minha mão. Ainda estava jogada junto ao cordão da calçada, e bastava pedi-la a um dos transeuntes para encontrar-me novamente entre seres humanos.

Primeiro roguei em voz baixa e cortezmente, depois em voz alta, e finalmente aos gritos mas ninguém prestou atenção ao meu pedido. As pessoas caminhavam apressadas, como se não vissem e não soubessem que minha liberdade se encontrava em suas mãos. Gritava, e elas nem voltavam a cabeça. Berrava o quanto me permitia minha garganta rouca, e elas não me ouviam.

Senti-me atemorizado: e se perdi a voz? Impossível. Ouvira-me claramente. Que sucedeu então? A janela estava aberta. Ouvia os passos das pessoas. Suas vozes, seu riso ocupado, porém elas não me ouviam. Isto é, ao que parece: meu cárcere me isolou por completo da vida. Será possível que a vida me tenha castigado por me ter subtraído a ela? Comecei a espiar as pessoas. Já não gritava. Queria apenas tocá-las, mas nin-

15  
guem se aproximou de minha janela. Jamais sofri tão crueldade. Meu pesar afugentou o sono e converteu minha vida num inferno. Esperava com todas as fibras do meu ser que alguém notasse minha presença. E talvez para minha esperanças, apareceram cinco pessoas, a horas tardias de certa manhã, pararam junto à minha janela.

A questão é se nos convém comprar os medicamentos com dinheiro local - disse uma delas como que continuando seus argumentos.

Certo, confirmou alguém. Seria preferível pagá-los em francos. Sabes a quanto está agora o franco?

O homem de frente ampla a quem foi dirigida a pergunta, meneou a cabeça numa negativa. Os demais se calaram. Ninguém sabe quanto está agora o franco? tornou a perguntar o primeiro. Trocaram entre si olhares interrogativos e deram de ombros.

E eu sabia o preço do franco.

- Onze vírgula seis | gritei como quem atira uma corda de salvação com a esperança, devo confessar, de que também eles me ajudassem quando necessário.

Onde podemos averiguar o preço do franco? perguntou pela terceira vez, como se não me tivesse ouvido.

11,6 | gritei. Digo-lhes onze vírgula seis | Mas nenhum deles se virou para mim. A expressão de concentração não se apagou de seus rostos. O mais alto deles estava parado meho que me encarando e devia necessariamente dar-se conta de minha presença. Mas não o fez, ainda que eu não tenha deixado de agitar os braços. Apenas uma vez olhou em direção de minha janela e apesar de meus gritos e gesticulações, voltou o olhar a seu interlocutor, como se eu fosse um vazio, e não um ser vivente.

- Bem, deixemos disto por agora. Poderemos averiguar o preço na Bolça. Mais importante ainda é onde conseguiremos lugar para a nossa farmácia?

No extremo da cidade está à venda um depósito - propôs alguém que até então guardara silêncio.

No extremo da cidade | Lá não podemos servir à ninguém. Não esqueçam que a maioria dos doentes vivem no centro. A farmácia poderá ser um negócio florescente e ajudar aos necessitados apenas se conseguirmos encontrar lugar no centro. Por exemplo, se pudessemos encontrar lugar aqui nesta rua ou nas imediações - resumiu.

- Por que não? Há bastante lugar - disse o de frente alta e inteligente - Nesta rua há pelo que vemos 20 cárceres privados como este que vemos à nossa frente, por exemplo. Se não conseguirmos convencer a seus donos de que uma farmácia é mais importante para a humanidade do que um cárcere, não nos resta outra alternativa do que obter um ordem de despejo do governo.

- Não poderemos fazê-lo - interveio alguém. Cada um tem direito de



encerrar-se em seu cárcere. Não podemos proibi-lo a ninguém. Que será da liberdade individual que tanto defendemos ?

-Liberdade individual-|Arremedou o primeiro com escárnio. Este belo termo permite a alguns fartar-se de solidão e de melancolia de sua alma e priva amuitos outros da vida em si .

-Eu lhes darei meu cárcere- explodi, enquanto tratava de introduzir a cabeça pelo retângulo de ferro. É seu. Façam d'êles o que queiram. Olhem o que está no centro da cidade. Não poderaõ encontrar uma locação mais apropriada. Dou- o grátis. Renuncio no ato a todos os meus direitos. Mas abram-me, Deixem-me sair daqui. Alí está a chave, alí, junto ao cordão da calçada.

Afortunadamente, um d'êles aproximou-se um pouco da janela. Com grande empurrãotirei para fora o braço , agitei-o com tôdas as minhas forças. -Ouça|Abra|Não me ouviu. Nem sequer piscou. Com grösseira arrogância desvencilhou-se de mim e afastou-se com uma expressão de desprezo em seus lábios . Os demais tampouco se dignaram em dirigir-me a palavra. Seus rostos continuaram preocupados.

-Estou perdido| gritei, até que encharam as veias do meu pescoço . Que fiz eu, para que ninguém queira dar-me atenção? Sómente encerrei-me em meu cárcere. Isto é tudo|Juro-o. Não permitam que eu morra assim, em plena vida. Olhem: ainda vivo e respiro. Deixem-me sair daqui. Quero volver ao convívio dos seres humanos|

Mordi os lábios até ferí-los, Estendi-me sôbre o sofá. Ainda ouvi como diziam|: "Olhem que sala limpa e arrumada"(estavam paradoa junto à janela e olhavam para dentro). "É muito apropriada para nós. É pena que não haja ninguém. A cama está vazia. O proprietario desta prisão, pelo visto, esta demasiado peupado para vir aqui". Depois suas palavras morreram. Afastaram-se de mim, levando consigo a minha última esperança.

Levantei-me e comecei a percorrer o quarto como um demente. Arranquei da parede a fôlha e a fiz em pedaços. Atirei o violino sôbre as barras de ferro e mesmo assim não me tranquilizei. Subi numa cadeira e golpeei com meus grandes punhos o relógio na parede , que não deixavam de esmiuçar minha desesperação em minutos. O golpeei com tôdas minhas forças e êle continuou funcionando. O tempo não queria deter-se. O sol começou a ocultar-se, êste mesmo sol que a tanto tempo não o via. O sol, cujas alvoradas e crepúsculos, as adivinhava, segundo as cores dos tetos das casas. Assim continuei até ficar totalmente exausto. Então, embora mortalmente cansado, arrastei as pernas até a janela e não deixei de devêrar tudo com os olhos o que sucedia lá fora. Passaram diante de mim, todos êstes marcos de vida, que poderia ter escolhido quando me encontrava lá fora. Mas era demasiado tarde. As pessoas corriam para seus negócios. Poderia ter sido comerciante, se houvesse querido. Meninos atiravam pedras às janelas das casas, Poderia ter sido professor ou instrutor. Uma mulher grávida passou pelas ruas. Poderia ter sido pai de

família. Uma manifestação passou com grandes cartazes eu-estava no / 7  
cárcere. Poderia ter sido lutador. Lutar pelos seres-humanos, por mim me  
mo. Uma menininha procurava sua bola, que rodou até minha janela.  
Gritei-lhe indiquei-lhe com o dedo e ela nem ouviu. Procurou-a até que  
escureceu e foi para casa chorando. Grandes cartazes anunciavam cursos  
de ciências naturais e concertos para amantes de música. A música é  
composta por indivíduos que dão ouvidos às pessoas, e por isto escutam a  
êles. Mas eu não podia chegar a êles.

Certo dia, como que para arrebatá-me a última ilusão ouvi golpes na  
porta de meu cárcere. Três golpes familiares e silêncio. Depois ouvi a  
voz da menina, que me tivera afeto a algum tempo: "Estás dentro? Posso en-  
trar?" = E novamente golpes, - Sim, estou aqui dentro, - Gritei com tôdas as  
minhas forças, - Aproxima-se da janela, aqui.

Ela continuou golpeando a porta de ferro durante um longo tempo e não  
deixou de pronunciar meu nome com grande saudade. Depois ouvi seus  
passos. Aproximou-se da janela e depois voltou a reinar o silêncio.  
Colei-me à tela de ferro, mas ela alhou para a peça através de mim e  
baixou a cabeça. Estava tão próxima de mim que o aroma de seu cabelo  
me enlouqueceu. Tirei a mão e acariciei suavemente seus cabelos e seu  
rosto:.

-Sou eu, menina. Sim, sou eu. Aqui estão minhas mãos, não as sente? Abre  
me, diz-me algo. Não te vás!

Ela sorriu, como que recordando as carícias de minha mão, e se foi,  
caminhando lentamente. Vi sua triste expressão. Seu doce aroma se esfumou.  
Enterrei o rosto nas mãos e chorei. A rua estava vazia. Fiquei só, também  
fora da prisão. De longe chegava o murmurio das ondas do mar, rompendo-se  
como minha vida contra as rochas. Uma suave melodia flutuava da janela de  
uma das casas. Algo ignoto flutuava no ar, como uma probabilidade de suce-  
sso. Passos irregulares deixaram-se ouvir à esquerda da minha janela.  
Uma ançã acercou-se com passos lentos e deteve-se no extremo do cordão  
da calçada precisamente junto à chave da minha prisão. Meus senti-  
dos estavam tensos a ponto de estalar. Não havia dúvidas de que havia vis-  
to a chave, seguiu seu olhar. "Contanto que não a tome e desapareça com ela  
para sempre." - crei de mim para mim.

Havia renunciado a gritar. Sabia que não me ouviria, e sem embargo  
sussurrei, aterrorizado: "A chave é minha, minha, minha, minha. Mas ela incli-  
nou a cabeça, como temia e estendeu a mão em direção à chave. Antes de chegar  
a toca-la, escorregou e se estendeu na rua, batendo com a cabeça no chão.

Ouvi seu gemido de dor. Tentou levantar-se mas não pôde. Seus dedos desli-  
saram sobre o cordão tentando apertar algo. Novamente tratou de levantar-  
-se mas dobrou uma perna sob o corpo voltando a cair.

- Socorro... não posso levantar-me... Socorro... roçou com voz  
trêmula.

Ninguém veio em sua ajuda. A rua estava deserta. Somente eu podia socor-  
rê-la. Não pude dominar-me, corri até a porta, e ainda sabendo que estava

Levei a chave, craveti contra a porta com todo o peso de meu corpo. Antes de perceber o que sucedia, vi-me estendido sobre a calçada, junto à escada de meu cárcere. A porta nunca esteve fechada a chave! Nunca tentei abri-la. Não fui capaz de pedir ajuda de fora, e o pior de tudo é: lembrei que não era possível atirar a chave do quarto a qualquer um. Queria bater na calçada com a cabeça. Mas os acontecimentos se precipitaram tão rapidamente que mesmo agora não encontro qualquer tempo para meditar sobre este triste acontecimento. Os gemidos da anciã e seus suspiros me despertaram de meus pensamentos. Aproximei-me dela e ajudei-a a levantar-se. Sentei-a sobre as escadas da prisão e apressei-me a trazer um copo de água. Mal terminei de pensar em suas feridas, aproximou-se correndo um homem e à toda pressa disse:

-O senhor ajuda a levantar-se?

-Sim, respondi.

-E também pensou suas feridas?

-Sim, o que há?

-Muito bem. Saiba que de hoje em diante pertence à organização que tem por objetivo levantar pessoas caídas. Mais ainda, sua finalidade principal é evitar que o iam. Está disposto?

-Claro que sim- apressei-me a responder. De passagem, espero que esta associação tenha um horário determinado e uma agenda cheia.

-Não se preocupe- disse o homem - a associação ocupará a maior parte de seu tempo. Desgraciadamente, não basta uma vida inteira para cumprir esses simples deveres. Tem uma foto?

-Sim, aqui- disse, e lhe estendi uma foto que tinha por casualidade.

-Muito bem. Eis aqui o endereço. Amanhã às oito da manhã tem de apresentar-se no escritório. Seja pontual- disse o homem e se afastou.

-Está bem, respondi. -Costumo ser pontual.

A anciã se foi. A rua começou a povoar-se. Automóveis corriam pela rua tocando a buzina. Saudei a alguém que me apertou a mão. Várias pessoas notaram minha presença e sorriram para mim. Arranquei um cartaz de minha prisão e pendurei em seu lugar um anúncio no qual escrevi com meu próprio punho:

ALUGA-SE

ESPAÇOSA SALAQUE PODE SERVIR DE FARMÁCIA!!!

Fiquei só por um momento e fui-me. Estava ocupado.

ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE o conto me Pag. 25

A alienação desempenhou um papel importante no pensamento de Marx, um conceito muito importante para esta idéia foi o conceito hegeliano de alienação (Entfremdung), que era fundamental na visão hegeliana da mente, tanto na sua filosofia (Phänomenologie) como, sob forma totalmente alterada, nas obras dos "Jovens Hegelianos". Estes últimos entendiam por "alienação" um estado em que as forças próprias do homem apareciam como forças autônomas ou entidades conduzindo-lhe as ações. Foi assim que Feuerbach usou o conceito de alienação em seu estudo sobre o cristianismo: ocupou-se em demonstrar que a essência da religião seria a essência do próprio homem projetada fora dele e reificada ou personificada, os poderes e qualidades atribuídos aos deuses seriam de fato poderes e qualidades do próprio homem, e a lei divina nada mais seria do que a própria lei da natureza do homem.

Marx, conforme indicou em suas teses sobre Feuerbach, partiu da posição a que Feuerbach havia chegado. O problema da Alienação predomina em todos os seus escritos, mas não mais como formulação filosófica (ou seja, discussão da essência do homem). A alienação é posta em exame como fenômeno social. Marx indaga: quais são as circunstâncias em que os homens projetam as suas próprias forças, os seus próprios valores, em hipotéticas criaturas sobre-humanas? Quais são as causas deste fenômeno? E foi somente neste sentido - como ideologia - que Marx discutiu a religião, e com isso contribuiu para criar-se a moderna sociologia da religião. Mas além disso, no que muito diferia de Feuerbach, investigava outras formas de alienação. Em oposição à divinização do Estado de Hegel, ele considerava o Estado (como poder arbitrário a dominar de fora a sociedade) apenas como mais uma forma de alienação do homem. E a riqueza sobre a forma de capital seria por ele descrita, em sua análise da estrutura econômica do Capitalismo, ainda como forma de alienação: O governo do Capital seria "a dominação de homens vivos pela matéria morta". Aqui, como no caso da alienação religiosa, Marx repõe a questão: Quais as causas sociais de tais fenômenos? Como sucede aos seres humanos projetarem em objetos exteriores, em abstrações coisificadas, poderes que na verdade são

... a ideia de uma transformação efetiva da sociedade, cujo o aspecto moral haveria de ser a recuperação das qualidades naturais pelo homem, a resbilitação dele próprio como um ser social libertado de alienações escravizantes.

Segundo Hegel, o direito abstrato é sublimado em moral, a moral é sublimada na família, a família é sublimada na sociedade civil, e a sociedade civil é sublimada no Estado, e por fim o Estado é sublimado na história universal. Mas todo este processo dialético, exposto por Hegel em sua Filosofia do Direito, deixa intactas as instituições sociais vigentes - a família, a sociedade civil, e o Estado. A esta imaginosa reconstrução Marx veio opor a ideia de uma transformação efetiva da sociedade, cujo o aspecto moral haveria de ser a recuperação das qualidades naturais pelo homem, a resbilitação dele próprio como um ser social libertado de alienações escravizantes.

(1) - Os conceitos de "falta de consciência" e de "ideologias" de Marx relacionam-se com o conceito de alienação falsa consciência e a consciência de indivíduos em estado de alienação, e ideologia é o conjunto de crenças gerado por essa falsa consciência. Mais tarde, por certo, Marx utilizou o termo ideologia em diferentes sentidos - por exemplo, num dos sentidos, para designar um sistema de ideias levando a erro deliberadamente.

PERSPECTIVAS DO HOMEM

Esta convergência não tem valor em si mesma. Ela é interessante porque significa em a existência de um fim único: "o homem total". Na introdução de seu livro, Gerasuhy o declarou explicitamente: esta obra "se esforça para extrair, da análise crítica do existencialismo, do pensamento católico e do Marxismo, as convergências possíveis num esforço comum para apreender o homem total". Há, por conseguinte uma característica universal: esta procura de realização total do homem. Este "homem total" não está dado, não existe já pronto: ele se procura, ele se descobre, ele se constrói. Cada escola de pen-

samento é a **expressão** desta procura; representa uma imagem, uma aproximação, uma "perspectiva" do "homem total". Ainda que diferentes ou mesmo opostas, elas manifestam certos pontos de convergência.

Ora, o marxismo é o humanismo verdadeiro porque se encontra numa situação privilegiada em face das outras filosofias. Sua superioridade decorre de seu caráter "dialético", que o torna capaz de integrar todas as descobertas humanas. "Uma crítica interna e compreensiva pode pelo menos sugerir um movimento dialético pelo qual o marxismo, porque reflete a dialética objetiva, consegue superar, integrando-as, as contribuições mais vivas de nossa época à concepção do homem".

Não se trata apenas de uma apologética. Olhando-a mais de perto, uma tal démarche implica numa concepção de humanismo.

Para começar, ela rejeita uma visão "essencialista" dos homens e do mundo. Uma concepção "essencialista" é uma concepção que afirma que existe uma "natureza humana" anterior ao desenvolvimento histórico e independente d'ele. Esta natureza humana permanente pode ser conhecida pela inteligência. Adquirido este conhecimento, apreendida a "essência" do homem, trata-se de adaptar a esta definição as ações e as escolhas dos diversos seres humanos. O humanismo se torna então "dedutivo": sabe-se o que é o homem; aplica-se este saber à vida. De maneira mais simbólica: possui-se a maquete do homem, trata-se simplesmente de providenciar para que a construção seja a mais conforme possível ao modelo pré-estabelecido. Para Garaudy, ao contrário, o homem se realiza passo a passo, à custa de descobertas progressivas que é preciso integrar e aplicar. Existe um futuro humano. O humanismo, nesta ótica, é tarefa do próprio homem, que deve em cada etapa encontrar sua verdade, seu equilíbrio, sua plena expansão. O humanismo é uma invenção perpétua.

Segunda característica: não há um terreno próprio, um firmamento separado da terra e da vida, que seja o lugar da filosofia. A filosofia não tem consistência em si mesma. Ela só tem realidade em função da prática. Deve, para não ser uma simples atividade estética, recusar o divórcio com a vida. "Ligar sempre mais estreitamente a teoria e a prática". A superioridade do marxismo é que, para ele, este divórcio é teoricamente impossível. A alma da filosofia marxista é a dialética objetiva. Precisamente porque a dialética objetiva do mundo em desenvolvimento é a sua alma viva, é da natureza do marxismo jamais fechar-se num sistema, mas desdobrar sem fim uma dialética criadora que permite apreender o homem total, com suas dimensões subjetivas e históricas, e acolher, como mo-

mentos de sua pesquisa, todas as conquistas de pensamento, da ação e das artes.

Existe, por conseguinte, uma correspondência entre as leis da natureza e as leis do conhecimento e da ação humana. O humanismo não é uma esfera à parte, separada do real. Suas tarefas incluem todos os domínios: econômico, científico / político, cultural, etc. É tudo isso que constitui o homem. O homem deve, portanto, buscar a si mesmo e se realizar em tudo isso e por tudo isso. O humanismo é a reconciliação em marcha entre o homem e a natureza, e entre os homens. O humanismo não é a aplicação de uma doutrina ou de um dogma. É um movimento, a realização prática do poder que o homem possui de tornar seus todos os bens do passado e do presente em vista de um futuro mais completo. O humanismo não é uma ortodoxia, nem uma dogmática. É uma busca, o exercício histórico da capacidade humana de assimilação e de síntese, sempre em vista de uma superação ulterior.

Isto explica o lugar primordial que o diálogo ocupa na démarche de Garaudy: "Os confrontos de pensamento, as contradições, mesmo se não se consegue ainda / revê-las, podem ser um meio de emulação e de crescimento. Só o diálogo é o instrumento necessário do movimento do homem em direção do homem total".

O humanismo marxista se diz um humanismo verdadeiro porque pretende assimilar e superar dialéticamente todas as conquistas humanas. Ele se apresenta como o único caminho para o homem total. Este homem total é o homem total hegeliano mas "invertido", isto é, enraizado não na idéia mas na realidade material- e "aberto", isto é, fundado na infinitude das posições humanas e materiais. O humanismo marxismo para Garaudy é um humanismo sem limitação de horizonte. Um movimento sem chegada definida. Uma busca, guiada pela consciência de uma infinidade de superações possíveis.

#### ALIENAÇÃO- por Erich Fromm

O conceito do homem ativo e produtivo, que compreende e controla o mundo / objetivo com suas próprias faculdades, não pode ser plenamente entendido sem o / conceito de negação da produtividade: a alienação. Para Marx, a história do gênero humano é uma história de crescente desenvolvimento do homem e, concomitantemente, de crescente alienação. Seu conceito do socialismo é a emancipação da alienação, a volta do homem para si mesmo, a sua realização se si próprio.

A alienação (ou "alheamento") significa, para Marx, que o homem não se vivencia como agente ativo de seu contrôlo sobre o mundo, mas que o mundo (a natureza, os outros, e ele mesmo) permanece alheio ou estranho a ele. Eles ficam acima e contra ele como objetos, malgrado possam ser objetos por ele mesmo criados. Alienar-se é, em última análise, vivenciar o mundo e a si mesmo passivamente, receptivamente, como o sujeito separado do objeto.

Todo êsse conceito de alienação foi pela primeira vez expresso, no pensamento ocidental, através do conceito de idolatria do Antigo Testamento. A essência do que era chamado de "idolatria" pelos antigos profetas não está em o homem adorar muitos deuses em vez de um único. Está em os ídolos serem a obra das mãos do próprio homem- eles são coisas, e no entanto o homem curva-se ante elas e as reverencia; adora aquilo que ele mesmo criou. Ao fazê-lo, ele se transforma em coisa. Transfere às coisas de sua criação os atributos de sua vida, e, em vez de experienciar-se com a pessoa criadora, só entra em contato consigo mesmo através da adoração do ídolo. Ele se alheou às forças de sua própria vida, à riqueza de suas próprias potencialidades, e só entra em contato consigo mesmo de maneira indireta, submetendo-se à vida congelada nos ídolos.

O torpor e a vacuidade do ídolo estão expressos no Antigo Testamento: "Olhos eles têm e não vêem, ouvidos eles têm e não ouvem", etc. Quanto mais o homem transfere seus próprios poderes para os ídolos, tanto mais pobre ele fica e tanto mais dependente dos ídolos, pois êstes só lhe permitem reaver pequena parte do que era originalmente dêle. Os ídolos podem ser imagens de deuses, o Estado, a Igreja, uma pessoa, possessões. A idolatria muda de objetos; não é absolutamente encontrada apenas nas formas em que o ídolo tem sentido pretensamente religioso. A idolatria é sempre a adoração de algo em que o homem colocou suas / próprias forças criadoras e a que agora se submete, em vez de experienciar-se a si próprio em seu ato criador. Dentre as inúmeras formas de alienação, a mais frequente ocorre na linguagem. Se exprimo um sentimento por palavras, digamos, se eu falo "Eu te amo", as palavras visam a indicar a realidade existente em / meu íntimo, o poder de meu amor. A palavra "amor" é tomada como símbolo do fato amor, mas assim que é pronunciada ela tende a assumir vida própria tornando-se uma realidade. Fico na ilusão de que pronunciar a palavra equivale a ter experiência, e em breve digo a palavra sem nada sentir, exceto o pensamento de amor



expresso pela palavra. A alienação da linguagem demonstre toda a complexidade da alienação. A linguagem é uma das mais preciosas conquistas humanas; evitar a alienação deixando de falar seria tolice - contudo, é mister ter sempre em conta o perigo da palavra falada tender a substituir a experiência vivida. O mesmo aplica-se a todas as outras realizações do homem; idéias, arte, qualquer espécie de objetos criados pelo homem. Elas são criações do homem, ajudas valiosas para a vida; no entanto, cada uma é, também uma armadilha, uma tentação para confundir a vida com coisas, experiência com artefatos, sentimento com capitulação e submissão.

Para Marx, o processo de alienação manifesta-se no trabalho e na divisão do trabalho. O trabalho é, para ele, o relacionamento ativo do homem com a natureza, a criação de um mundo novo, incluindo a criação do próprio homem. (A atividade intelectual, está claro, para Marx, sempre é trabalho, como a atividade manual ou artística.) Com a expansão da propriedade privada e da divisão do trabalho, todavia, o trabalho perde sua característica de expressão do poder do homem; o trabalho e seus produtos assumem uma existência à parte do homem; de sua vontade e de seu planejamento. "O objeto produzido pelo trabalho, seu produto, agora se opõe a ele como um ser estranho, como uma força independente do produtor. O produto do trabalho é trabalho humano incorporado em um objeto e transformado em coisa material; esse produto é uma objetificação do trabalho humano". O trabalho humano é alienado porque trabalhar deixou de fazer parte da natureza do trabalhador e, "consequentemente, ele não se realiza em seu trabalho mas nega-se a si mesmo, tem uma impressão de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolve livremente suas atividades mentais e físicas mas fica fisicamente exaurido e mentalmente ~~aviltado~~ aviltado. O trabalhador, portanto, só se sente à vontade quando de folga, ao passo que no trabalho se sente constrangido." Assim, no ato de produzir, a relação do trabalhador com sua própria atividade é vivenciada "como algo alheio e não pertencente a ele, a atividade / como sofrimento (passividade), o vigor como impotência, a criação como emasculação". Enquanto o homem se torna, pois, alienado de si mesmo, o produto de seu trabalho torna-se "um objeto estranho que o domina. Esta relação é ao mesmo / tempo a relação com o mundo sensorial externo, com objetos naturais, como um / mundo estranho e hostil". Marx ressalta dois pontos: 1) no processo do trabalho, e especialmente do trabalho nas condições do capitalismo, o homem se afasta de

25  
suas próprias faculdades criadoras, e 2) os objetos de seu próprio trabalho tornam-se seres estranhos, e eventualmente o dominam, tornando-se forças independentes do produto. "O trabalhador existe para o processo da produção, e não este / para aquele."

Tirado do "CONCEITO MARXISTA DO HOMEM" de Erich Fromm

---

Perguntas a serem respondidas, referentes ao conto.

- 1- A situação que o conto enfoca é uma situação real, pura ficção, ou o protagonista é um louco ?
  - 2- O que é liberdade e porque o personagem, quando tinha liberdade total não fazia nada ?
  - 3- Existe liberdade sem obrigações ou responsabilidade ?
  - 4- Quais são as muralhas que a sociedade impõe a esta vida, a que o homem aspira ?
  - 5- Ao fugir da sociedade, o personagem reparou que não podia viver sozinho; ele volta à sociedade. Algo mudou ?
- É importante deixar que a discussão se desenvolva da forma como a mi-  
gueret o exigir.
-

Este capítulo visa fundamentalmente, dar a cada leitor uma idéia do que seria para Marx a sociedade do futuro, pois assim facilitaria a compreensão de sua análise sobre os problemas atuais, bem como o sentido das transformações para uma sociedade mais humana e conseqüentemente mais justa. Para isto, pensamos que o melhor seria apresentar trechos do próprio Marx, a respeito deste assunto.

"Quando a gente estuda as teorias materialistas da bondade original do homem, a igualdade dos dotes intelectuais distribuídos entre os homens, a onipotência da educação, de experiência e do hábito, a influência de circunstâncias externas sobre o homem, a grande importância da indústria, o valor do prazer, etc.- não há necessidade de uma extraordinária perspicácia para descobrir o que os liga ao socialismo e ao comunismo. Se o ser humano deriva todo o seu conhecimento do mundo sensível e de sua experiência em relação ao mundo sensível, então isso quer dizer que o mundo objetivo deve ser disposto de maneira tal que dêle o homem possa experimentar e assimilar o que dêle é verdadeiramente humano, e que êle próprio experimente como homem. Se o interesse pessoal esclarecido é o princípio de toda moralidade, é necessário que o interesse ~~particular~~ particular de cada homem coincida com o interesse geral de toda a humanidade. / Se o ser humano não é livre no sentido dos materialistas, isto é, ~~se~~ não é negativamente livre para evitar êste ou aquêle evento, mas se é positivamente livre para manifestar sua verdadeira individualidade, neste caso, em vez de punir indivíduos por seus crimes, nós deveríamos acabar com as condições sociais que engendram o crime e proporcionar a cada indivíduo o espaço de que carece na sociedade para levar adiante sua vida. Se o homem é formado pelas circunstâncias, tais circunstâncias devem ser humanamente formadas. Se o homem é por natureza um ser social, só em sociedade êle desenvolve a sua verdadeira natureza, e a força desta natureza deveria medir-se, não pelo poder dos indivíduos em particular, mas pelo poder da sociedade".

Trecho tirado da "Sagrada Família" escrito em 1845

"...Comunismo é a abolição positiva da propriedade privada, da auto-alienação humana, e assim a verdadeira solução entre o conflito entre a existência e a essência, entre a coisificação e a auto-afirmação, entre a liberdade e a necessidade, entre o indivíduo e a espécie. É a solução do quebra-cabeça da história e sabe ser a solução...."

"...Religião, família, Estado, lei, moral, ciência, arte, etc..., são apenas formas parciais de sistema de produção, e obedecem a sua lei geral. A abo-

lição positiva da propriedade privada, como apropriação da vida humana, é portanto a abolição positiva de toda alienação, e assim volta do homem, deixando religião, família, Estado, etc..., à sua vida humana, isto é, social. A alienação ~~ex~~ religiosa ocorre só na esfera da consciência, na vida íntima do homem, enquanto a alienação econômica faz parte da vida real, e sua eliminação influi por isso em ambos os aspectos. Por certo esse desenvolvimento em diferentes nações tem origem diferente, conforme a vida mesma do povo se situe mais no reino do espírito ou no mundo em redor, conforme seja mais uma vida ideal ou real.

"...Onde tem lugar a divisão da propriedade da terra, portanto, as únicas alternativas são recair numa forma de monopólio ainda mais odiosa, ou enfrentar a negação ou abolição da divisão da propriedade da terra. Esta última saída não é, todavia, um retorno à propriedade feudal, e sim a total abolição da propriedade privada sobre a terra. A primeira abolição do monopólio é sempre uma generalização e extensão disso; a abolição do monopólio, que alcançou seu grau de existência mais ampla e absorvente, é sua completa destruição. A associação aplicada à terra, tem do ponto de vista econômico as vantagens da posse em larga escala, e ao mesmo tempo põe em prática a tendência original quanto a divisão da terra, qual seja a igualdade. A associação restaura, além do mais, a intimidade das relações entre o homem e a terra, de forma racional e não por meio da servidão, do domínio senhorial e de uma toda mística da propriedade. A terra deixa de ser objetivo de especulação sórdida e, através da liberdade do trabalho e da satisfação, passa a ser outra vez real, pessoal, do homem..."

"...Vimos como, considerando-se positivamente abolida a propriedade privada, o homem produz e depois nos demais homens; como o objeto, que representa a atividade direta de sua pessoa, passa a representar ao mesmo tempo, sua existência para os outros homens e a dos outros para ele. Do mesmo modo, o material de trabalho, e o homem mesmo como sujeito, constituem tanto o ponto de origem quanto o resultado deste movimento (e por ser preciso que haja esse ponto de origem, a propriedade privada é uma necessidade histórica). O caráter social é portanto o caráter universal de todo este movimento; assim como a sociedade produz o homem enquanto o homem, também é produzido por ele. A atividade e a mente são sociais no seu conteúdo, assim como na sua origem: a atividade social e a mente social. A significação humana da Natureza só existe no homem social, porque só neste caso a Natureza é uma ligação com os outros homens, base de sua existência para os outros e da existência dos outros para ele. Só então a Natureza é a base de sua própria existência humana, e uma par-

ta vital da realidade humana. A existência natural do homem passou a ser sua existência humana e a natureza passou a ser humana para ele. Assim a sociedade constitui a união praticada entre o homem e a natureza, autêntica ressurreição da natureza, naturalismo do homem realizado, e o realizado humanismo da natureza...

Trechos extraídos dos "Manuscritos econômicos e filosóficos" Karl Marx

"Assim, de acordo com a nossa concepção, todos os conflitos da história tem origem na contradição entre as forças produtivas e o modo de intercâmbio. Não é preciso que esta contradição, para causar conflitos num país, seja levada à culminância. Tal contradição entre as forças produtivas e o modo de intercâmbio, que, como vimos, tem surgido várias vezes na história passada, sem todavia por suas bases em perigo, explodiu necessariamente em revolução em cada uma destas ocasiões: assumiu ao mesmo tempo uma porção de formas subsidiárias, como um agregado em conflitos - conflitos entre classes diferentes, batalhas entre idéias, lutas políticas etc.. De um ponto de vista estreito, qualquer destas formas subsidiárias pode ser escolhida e considerada como base da revolução, e isso é o que há de mais fácil, mesmo por que os próprios indivíduos que iniciaram <sup>uma</sup> revolução tinham ilusões sobre a atuação deles, ilusões que correspondiam ao seu nível de cultura e um determinado estágio da evolução histórica.

A transformação de forças pessoais(inter-relações) e forças materiais, atraz a idéias da mente da pessoa, mas tão somente pela ação de indivíduos que restabeleçam seu controle sobre tais forças materiais e eliminem a divisão do trabalho. Isso não é possível sem uma comunidade: só em associação com outros tem cada indivíduo os meios de cultivar seus talentos em todos os sentidos, só numa comunidade a liberdade pessoal é portanto possível. Nos anteriores sucedâneos da comunidade - no Estado, etc, - a liberdade tem existido apenas para aqueles indivíduos que avultaram na classe dominante e só enquanto eram membros desta classe. A comunidade ilusória em que os indivíduos tem se combinado até o presente adquiriram uma existência independente separada deles; e posto que era a união de uma classe contra outra, isto representava para classe dominada, não só uma comunidade totalmente ilusória, mas também um novo grilhão. Em uma comunidade autêntica, os indivíduos conquistam a liberdade em sua associação e através da associação..."

Trecho extraído da (Ideologia Alemã) 1845/6 K. M.

"...O reino da liberdade só começa, de fato, onde cessa o trabalho que é determinado pela necessidade e por propósitos exteriores; em contraste portanto, por sua própria natureza, fora da esfera da própria produção material. assim como selvagem precisa lutar contra a natureza para satisfazer suas necessidades, para manter e reproduzir a vida disso também precisa o homem civilizado, e tem de fazê-lo em todas as formas de sociedade e sobre qual-

quer modo de produção possível. Com a sua evolução pessoal aumenta o âmbito das necessidades naturais, pois passa a sentir falta de mais coisas; mas ao mesmo tempo aumentam as forças de produção, pelas quais estas necessidades são satisfeitas. A liberdade neste terreno não pode consistir senão no fato que a humanidade socializada, os produtores associados, regulam racionalmente o seu inter-câmbio com a natureza, trazem-na sobre controle comum, em vez de por ela serem governados como por algum poder cego, e cumprem sua tarefa com o mínimo dispêndio de energia, em condições ig adequadas e válidas para os seres humanos. Não obstante, isso continua a ser sempre um reino de necessidades. Depois dele principia o desenvolvimento do homem em seu próprio benefício, o verdadeiro reino da liberdade, que todavia só pode florescer tendo por base aquele reino da necessidade. O encurtamento da jornada de trabalho é um pré-requisito fundamental para isto."

este trecho foi extraído do III volume de "O Capital".

"...Entre as sociedades capitalistas e a comunista estende-se o período da transformação revolucionária de uma em outra; a isto corresponde também uma fase de transição política, durante a qual o Estado não poderá ser nada mais do que a ditadura revolucionária do Proletariado..."

"... O que temos a tratar aqui é de uma sociedade comunista, não como ela se desenvolveu em seus próprios fundamentos, mas, ao contrário, justamente como ela emerge da sociedade capitalista e assim é, em todos os seus aspectos, marcada ainda, - econômica, étnica e intelectualmente - com os sinais da sociedade antiga, da qual emerge. De acordo com isto o indivíduo que produz torna a receber da sociedade, depois de feitas as deduções, exatamente aquilo <sup>com</sup> que contribuiu para ela: contribuiu com seu "quantum" individual de trabalho. O dia de trabalho social, por exemplo, corresponde à soma das horas individuais trabalhadas; o tempo individual de trabalho de quem produz é a parte com que contribui para o dia social do trabalho, seu quinhão nele. E recebe na sociedade um certificado de que forneceu tal quantidade de trabalho (depois de deduzir o seu trabalho para o fundo comum), e munido deste certificado ele retira, do estoque social de meios de consumo, o / que custa igual quantidade de trabalho. A mesma quantidade de trabalho, que ele deu à sociedade sob determinada forma, é assim recebida em outra forma.

Aqui prevalece, obviamente, o mesmo princípio que rege a troca de mercadorias, enquanto esta se faz na base de valores correspondentes. Mudam o conteúdo e a forma, porque nas condições trocadas ninguém pode dar coisa alguma com excessão do próprio trabalho, e porque, por outro lado, nada pode entrar como propriedade dos indivíduos exceto os meios de consumo individuais. Mas até o que se refere à distribuição destes últimos, entre os indivíduos que produzem, o princípio que prevalece na troca de mercadorias equivalentes é o mesmo: determinada porção de trabalho em certa forma é trocada por igual porção de trabalho em forma diferente.

Até aí, o direito igual é ainda em princípio direito burguês, <sup>30</sup> embora o princípio e a prática já não estejam em discordância- pois a troca de equivalentes em mercadoria existe apenas em média e não no caso individual.

Apesar deste avanço, o direito ainda se vê atrapalhado por limitações burguesas. O direito dos produtores é proporcional ao trabalho que eles produzem; a igualdade reside no fato de que a mediação é feita segundo um padrão igual- o trabalho.

Mas um homem pode ser superior a outro física e mentalmente, e por isso / fornece maior porção de trabalho no mesmo tempo, ou é capaz de trabalhar um / tempo maior; e o trabalho, para servir de medida, há de ser definido por sua duração ou intensidade, pois de outro modo já deixará de ser medida padrão. O direito igual é um direito desigual para trabalho desigual; não reconhece diferenças de classes, pois cada qual é apenas um trabalhador como todos os demais, / mas reconhece taticamente os dons individuais dos semelhantes e com isso os / privilégios naturais que dizem respeito à capacidade produtiva. Aí está, portanto, em seu conteúdo, um direito da desigualdade, como qualquer direito. O direito, por sua própria natureza, só pode consistir na aplicação de um padrão de igualdade; mas indivíduos desiguais (e não seriam diferentes uns dos outros se não fossem desiguais) só podem ser avaliados por um padrão igual enquanto considerados sob um único aspecto, por um só lado- como, no caso presente, são considerados apenas como trabalhadores e neles nada mais se vê, ignorando-se todo o restante. Além disso, um trabalhador é casado, outro não é; um tem mais filhos do que o outro, e assim por diante. Nesse caso, com uma prestação de trabalho, e daí com igual participação no fundo social do consumo, um indivíduo há de receber mais do que outro, de fato; um há de ser mais rico do que outro, e assim / por diante. Para contornar esses defeitos, o direito teria de ser desigual, em vez de igual.

Mas esses defeitos são inevitáveis na primeira fase da sociedade comunista, tal como se encontra ela apenas emergindo da sociedade capitalista, ao cabo de prolongadas dores de parto. O direito nunca pode estar acima da estrutura econômica da sociedade e da evolução cultural condicionada por ela.

Numa fase mais avançada da sociedade comunista, quando houver desaparecimento a escravizante subordinação do indivíduo às exigências da divisão de trabalho,

31  
e com ela a antítese entre o trabalho físico e mental; quando o trabalho já não  
representar apenas um meio de vida, e se tiver tornado em necessidade primordial  
da vida; quando as forças produtivas também tiverem aumentado com o desenvolvi-  
mento do indivíduo em todos os sentidos, e todos os rebentos da riqueza coope-  
rativa fluírem abundantemente, só então será possível transcender completamente  
a acanhada visão do direito burguês, e só então a sociedade estará apta a inscre-  
ver em seus estandartes: "De cada um conforme a sua capacidade, a cada um con-  
forme sua necessidade!"

Trecho extraído do "CRITICA AO PROGRAMA DE GOTA" (1875 Marx, publicado  
por Kautzki)

Com êstes trechos do próprio Marx tentamos demonstrar e explicar a concep-  
ção marxista, tal qual em sua fonte; como esta vê a sociedade do futuro e o ho-  
mem inserido nela.

#### Índice da choveret:

Página 1	Introdução
" 2	Dialética
" 11	O homem em seu cárcere (conto)
" 19	Alienação
" 27	Sociedade do Futuro

---

#### Bibliografia:

- Marxismo - André Pietre
- Conceito Marxista do homem - Erich From
- Marxismo segundo Althusser
- Perspectivas do homem - R. Garaudy
- Sociologia e Filosofia social de Karl Marx - Botomore e Rubel
- Marxismo e Existencialismo - Adam Shaff
- Princípio fundamentais da filosofia - Politzer
- Socialismo - Paul Swesy
- Obras escolhidas de Karl Marx.